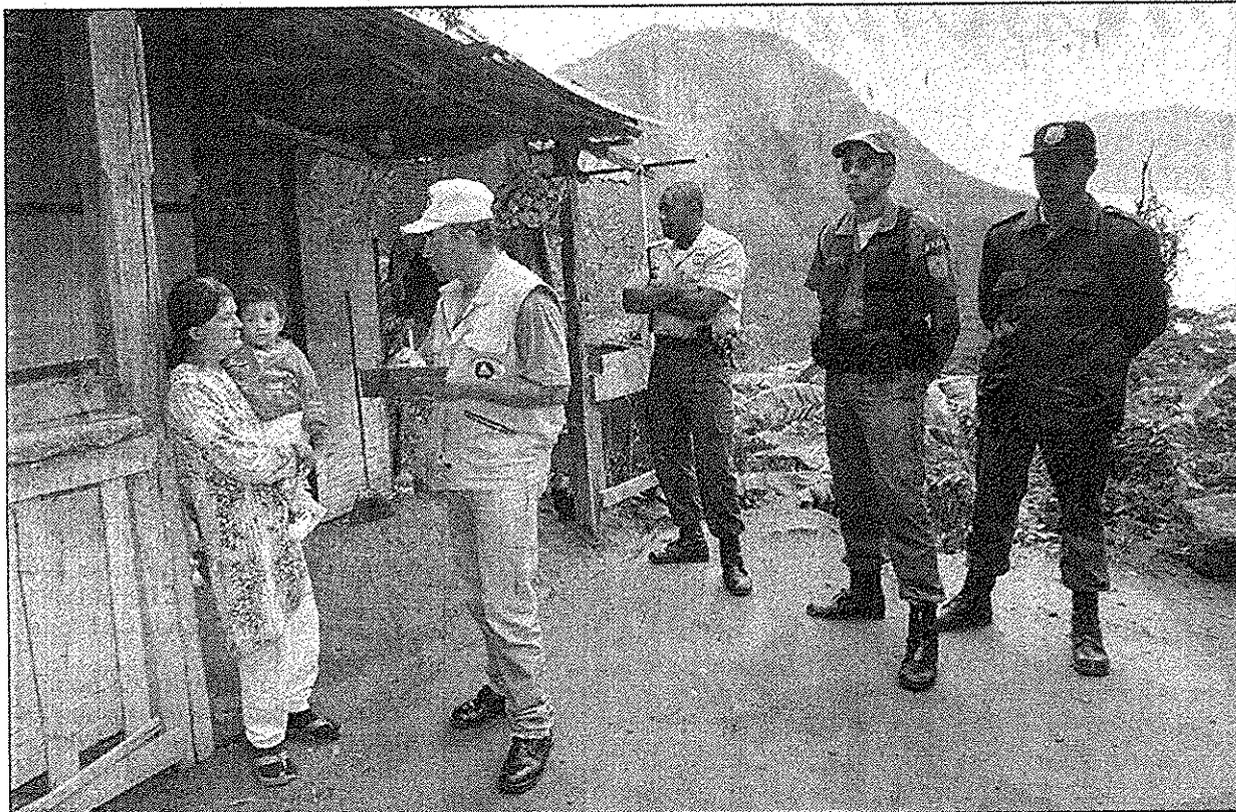


JB  
6/6/97 17  
UC/Parque 148

Marizilda Cruppe



UMA MORADORA DO parque, entre Petrópolis e Magé, é notificada durante a operação contra a ocupação da área

## Operação combate ocupação irregular e desmatamento de reserva florestal

Estimativa é de que cinco mil pessoas se fixaram no Parque Serra da Estrela

Rolland Gianotti

• A ocupação irregular e o desmatamento do Parque Serra da Estrela, uma reserva de Mata Atlântica entre Petrópolis e Magé, estão com os dias contados. Desde 26 de maio, PMS, agentes da Defesa Civil e guardas municipais se embrenham na mata para calcular o tamanho da invasão da floresta e impedir a grilagem. É também a primeira etapa de um programa de remoção de famílias que, ao longo dos anos, vêm se apossando de um território sob a tutela do Ibama. Das 503 construções encontradas até ontem, quase todas foram erguidas de forma irregular. As mais recentes e desabitadas já foram demolidas.

— A maioria dos invasores não é da região. Veio de Minas Gerais, Bahia e até de Alagoas — revela o coronel Aníbal Ornellas, coordenador da Defesa Civil de Petrópolis e comandante da operação, com efetivo de 52 homens.

No total, o comando da operação calcula que cerca de cinco

mil pessoas vivam na área de preservação e que pelo menos 600 construções ainda não foram localizadas.

### Seis pessoas vendem lotes na área de proteção

Já foram descobertas as identidades de seis pessoas que fazem loteamentos na reserva. Uma delas é Clézio Machado de Lima, que cobrou de José Monteiro Dias R\$ 4.000 pela venda de um terreno de 20 metros quadrados com casebre de um quarto, sala, cozinha e banheiro. A polícia ainda não sabe o paradeiro de Clézio.

— Ao contrário de administrações anteriores, não podemos continuar compactuando com a ocupação de nossas reservas — diz o prefeito de Petrópolis, Leandro Sampaio (PSDB), que ordenou a operação, calcula a área do parque em 12 milhões de metros quadrados e promete um programa habitacional para os invasores despejados.

Entre os que ocupam o parque — por onde passa o Caminho de

Imperador, antiga ligação do Rio com a Região Serrana — já se encontrou uma minoria que, a princípio, tem direito de permanecer no local. Alguns foram assentados legalmente pela representação do Incra de Nova Iguaçu, outros pela Rede Ferroviária Federal e alguns poucos pela extinta Fábrica de Tecidos Cometa, que é proprietária de lotes na região.

— Apenas 5% dos que ocupam essa área têm algum documento de propriedade — diz o coronel.

Há 26 anos, por exemplo, Francisco Caetano da Silva e sua mulher, Maria da Penha, se instalaram com os filhos em uma construção ruda que pertencia à Fábrica de Tecidos Cometa. Era a forma justa, acreditavam, de serem recompensados pela indenização que Francisco deixou de receber quando a empresa fechou. Agora, sem qualquer documento de propriedade, todos estão ameaçados de despejo:

— Fui um dos primeiros a se mudar para cá — diz Francisco, de 75 anos. ■